

Introdução à Escrita Acadêmica - Aula 03 - 29/08/2018
(Resumo escrito e fornecido pelos monitores da PRPPG7000)

O tema da terceira aula foi *Pensar antes de escrever*, uma vez que um dos tópicos principais discutidos na aula foi o que os autores devem refletir antes de começar a escrever seus artigos. Primeiramente, o professor Ron falou sobre as mudanças de sala da disciplina e avisou os estudantes que na próxima semana a matéria retornará para o primeiro auditório utilizado, Ulysses de Campos. Depois disso, o professor mencionou a lição de casa da última aula e corrigiu alguns exercícios que estão disponíveis no site *Go Formative*. O professor afirmou que o foco dessa atividade foi o de construir uma “consciência” acerca de assuntos gramaticais da língua inglesa, que podem causar problemas (ex: colocações, voz passiva, posição do advérbio), portanto, os estudantes não precisam se preocupar em memorizá-los.

Dessa forma, o que o professor Ron deseja é mostrar, desde o início da matéria, que questões gramaticais não devem ser a principal preocupação dos estudantes. Além disso, existem várias estratégias e ferramentas que podem ajudar os alunos com relação às dúvidas gramaticais e terminologia, já que, como o professor diz, a escrita é um trabalho de detetive. Ron lembrou algumas dessas ferramentas: (i) [AntConc](#), uma ferramenta para verificar colocações linguísticas, na qual você pode criar um corpus que pode auxiliar na checagem de usos de palavras e terminologias; (ii) [Google Scholar](#), que pode ser utilizado para checar qual opção de palavra/termo é mais usada em artigos acadêmicos; (iii) [SkELL](#), é outra ferramenta que pode auxiliar com a questão das colocações, sinônimos e outros exemplos; (iv) CAPA e os [monitores](#), que podem ajudar com dúvidas e problemas que podem surgir durante o processo de escrita.

Além disso, o professor Ron explicou que alguns manuais e livros didáticos afirmam que, para escrever artigos de qualidade em inglês, é necessário atingir o nível C2 de língua. No entanto, isso não é verdade. Apenas 2% da população brasileira possui certificado de nível C2 em inglês, o que não muda o fato de que pesquisadores brasileiros publicam em inglês constantemente, além de contribuírem para o desenvolvimento da linguagem acadêmica em geral. Então, o professor trouxe alguns dados para ilustrar esse fato. Primeiro, ele explicou o que são o “Inner Circle” (países onde o inglês é a língua dominante, como os EUA e a Inglaterra), o “Outer Circle” (colônias inglesas, como a Índia) e o “Expanding Circle” (países como o Brasil, onde o inglês é importante mas não uma língua oficial).

Na sequência, Ron mostrou diversos exemplos de usos do inglês por não nativos e que, em um primeiro momento, podem ser considerados incorretos gramaticalmente, mas estão sendo cada vez mais aceitos, como mostram análises de publicações em diferentes áreas (ex: pluralização de substantivos incontáveis, como “evidences” e “researches”; outros exemplos podem ser encontrados nos slides da terceira aula, disponíveis no [site](#) da disciplina). Assim, o que o professor explicitou é que, novamente, terminologia e questões gramaticais não devem ser preocupações principais durante a produção de um artigo.

Depois disso, Ron disse que, nesse momento, os alunos podem estar se perguntando por que não começaram a escrever ainda, já que essa é uma matéria de escrita. Porém, o

professor afirma que essa é a intenção e ele explica o motivo. Para começar, ele mostrou um [vídeo](#) de um rapaz tentando escrever um e-mail para uma garota que ele conheceu no bar. O rapaz reescreve sua mensagem constantemente, não porque estivesse errada, mas porque não havia atingido ainda o efeito que queria causar na sua leitora. Nós fazemos isso também em português, quando precisamos escrever um texto ou mensagem com certo objetivo em mente. Logo, essa estratégia precisa ser levada em conta durante a produção de um artigo. Depois, mencionando a estrutura I.M.R.aD., o professor iniciou uma atividade no Kahoot para ver a opinião dos alunos quanto a pergunta: por onde começar a escrever um artigo? A maioria dos estudantes respondeu que se deve começar pelo “método”.

Para abordar essa questão, Ron mencionou o livro *Writing Science*, de Joshua Schimel, no qual o autor afirma que o ideal é começar a escrita pelos dados da pesquisa. Isso porque os dados são o que movem sua pesquisa, dessa forma, seu artigo deveria ser construído ao redor dos dados - é por isso que a voz passiva e a terceira pessoa são comumente utilizadas em textos acadêmicos, já que são os dados e evidências que contam a história da sua pesquisa. Além disso, os estudantes devem ter em mente a perspectiva de “*They Say, I Say*”, considerando que o mundo acadêmico é como uma conversa e os pesquisadores deveriam encontrar maneiras de se inserir nesse diálogo e mostrar suas contribuições. Em seguida, o professor fala sobre dois tipos de objetivos da pesquisa: o específico (do estudo em si) e o pessoal (que, geralmente, só o autor conhece, mas é o que nos move a estudar algo). É importante ter os dois objetivos em mente na hora da escrita. Finalmente, é importante estar consciente acerca das pessoas pessimistas, os “naysayers”, que vão questionar/julgar seu trabalho, e são elas que lêem nossos textos.

Para exemplificar o que foi apresentado, Ron apresenta o resumo da sua pesquisa e pede que os alunos identifiquem onde ele coloca sua contribuição pessoal (ex: se colocar dentro do diálogo). A resposta é: logo na primeira frase. O professor explica que, quanto mais cedo você mostra sua contribuição para o leitor, melhor, porque então ele(a) entende já no início o porquê de estar lendo seu artigo. Portanto, é importante ter em mente alguns passos para seguir: (i) estabelecer território - explicar qual a sua pesquisa e por que ela é relevante; (ii) estabelecer um nicho, esclarecer de onde vem a sua pesquisa e com quem você quer começar um diálogo; e (iii) ocupar o território.

Depois disso, Ron utilizou alguns exemplos de resumos para esclarecer o que foi apresentado. Para finalizar, o professor apresentou o estudo de Eliano Hirano (2009) que compara estruturas de resumos de revistas acadêmicas brasileiras e revistas acadêmicas de língua inglesa. Normalmente, os resumos brasileiros pulam o passo (ii), o que mostra que autores brasileiros geralmente não deixam claro para seus leitores qual a contribuição do seu artigo para determinada área.

Ao final da aula, o professor Ron comentou com os alunos sobre a lição de casa (1. Ler pelo menos a introdução de Hanauer e Englander (2011) “Quantifying the burden of writing research articles”, com atenção especial para a estrutura. Além disso, perceba se você consegue ouvir os autores falarem com o “naysayer”; 2. Faça o módulo 3 do *Go Formative*). O professor também informou aos alunos que, a partir dessa semana, o prazo para realização das atividades do *Go Formative* passa a ser de 7 dias.